

# O corpo e os ideais no malestar feminino

**The body and the ideal female malaise**

**Maria Helena Fernandes**

Nesses últimos anos a questão do corpo na psicanálise tem me ocupado bastante e deu origem a três livros. No primeiro, abordei as vicissitudes da percepção do corpo nos processos de adoecimento somático. No segundo, dediquei-me a explorar a função do corpo na teoria freudiana e no terceiro, sobre a anorexia e a bulimia na clínica psicanalítica, me propus a contribuir para melhor compreender as distorções da imagem corporal tão comuns nesses casos.

O percurso de construção das idéias desse último livro fez despertar em mim um interesse, cada vez maior, na articulação entre clínica e cultura, dando origem a alguns artigos publicados nos últimos anos<sup>1</sup>. É a essa articulação que irei me dedicar na minha contribuição à discussão desse Fórum.

As discussões a respeito da articulação entre as vicissitudes culturais e a psicopatologia têm recebido a atenção dos psicanalistas que, cada vez mais, se recusam a lidar com os subprodutos clínicos da nossa cultura como se fossem meros casos isolados e individuais. Essa recusa responde à necessidade de considerarmos os registros social, ético e político implicados sempre na teorização clínica.

No *I Colóquio Internacional sobre Práticas e usos do corpo na modernidade*, que ocorreu na Universidade de Rennes II, em 2007, eu enfatizei que a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia, ao colocar em evidência a fetichização do corpo, o apego ao ideal e a amplitude do mecanismo da recusa e da clivagem, revelava sua potencialidade para engendrar uma contribuição, propriamente psicanalítica, a respeito das vicissitudes do mal-estar contemporâneo.

Naquela ocasião, insisti que não se podia deixar de notar que a imagem da anorexia e da bulimia vinha sendo amplamente evocada como modelo do mal-estar atual. O que certamente colocava em evidência a ampla participação da alimentação nas formas de expressão do sofrimento atual.

De fato, a imagem clínica da anorexia é aquela que subverte negativamente a ordem da linguagem alimentar que se tornou dominante em nossa sociedade da abundância. Assim, a variedade dos problemas alimentares sugere que uma verdadeira *psicopatologia da alimentação cotidiana* veio ocupando o cenário contemporâneo. Nunca se falou e se pensou tanto em alimentação como nos últimos

---

**MARIA HELENA FERNANDES.** Psicanalista, Doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII, com pós-doutoramento pelo Departamento de Psiquiatria da UNIFESP, professora do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae e autora dos livros *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique* (Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1999), *Corpo* (Coleção "Clínica Psicanalítica". São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003) e *Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia* (Coleção "Clínica Psicanalítica". São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006).

1. "Le corps fétiche: La clinique miroir de la culture. In GASPARD, J-L. & DOUCET, C. (orgs.) *Pratiques et usages du corps dans notre modernité*. Toulouse: Érès, 2009. (páginas de 117 a 127); "As mulheres, o corpo e os ideais". In VOLICH, R.M., FERRAZ, F.C., RANÑA, W. (org.) *Psicossoma IV: corpo, história e pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. (páginas de 207 a 220); "A mulher-elástico". *Viver - mente & cérebro*, 161:28-33, 2006. (artigo republicado na Edição Especial *As faces do feminino: dimensões psíquicas da mulher*. *Mente & cérebro*, 18:78-82, 2009).

tempos. Um novo clichê surgiu no cenário da modernidade: comer ou não comer, eis a questão!

As anoréxicas e bulímicas ocupam aí lugar de destaque ao lado das outras formas de expressão psicopatológicas que também envolvem a alimentação. A preocupação com a alimentação, componente importante do culto ao corpo na contemporaneidade, vem assumindo novas facetas psicopatológicas. Recentemente tem sido enfatizado que a busca exagerada por uma dieta correta e saudável pode se transformar em um distúrbio alimentar de contornos nitidamente obsessivos, batizado pelo médico americano Steven Bratman de “ortorexia nervosa”<sup>2</sup>.

Uma questão se coloca: por que a alimentação vem adquirindo lugar de destaque no cenário contemporâneo? A meu ver, *a preocupação com a alimentação tem se convertido no fetiche privilegiado do controle do corpo na atualidade. É o corpo fetichizado que parece servir de estandarte ao projeto higienizador e totalitário de controle da existência humana na modernidade.* Hannah Arendt (2000)<sup>3</sup> ressaltou que uma das formas do totalitarismo é a tentativa de automatizar e padronizar a existência humana.

Atualmente, tudo precisa ser cuidadosamente controlado, inclusive o afeto e o tempo. *A lógica da imagem responde à exigência de eficácia mercadológica; o sujeito eficiente é aquele que não se deixa perturbar pelos seus afetos e aproveita produtivamente seu tempo.* Talvez não seja um mero acaso se na psicopatologia contemporânea *é justamente o eixo controle-descontrole que caracteriza a prevalência da lógica perversa, e também da lógica aditiva nas formas de apresentação do sofrimento atual.* Isso é evidente na anorexia e na bulimia, nas toxicomanias, na síndrome do pânico, nos transtornos obsessivo-compulsivos e ainda na variedade das condutas impulsivas.

Nesse contexto, fica óbvio que as figuras clínicas evocadas pela anorexia, mas também pela bulimia e pela sutil diversidade das problemáticas alimentares vêm ocupando um lugar de destaque, engajando o corpo e, por sua prevalência entre as

mulheres, relançando a discussão sobre o mal-estar feminino na atualidade. Esse mal-estar parece se evidenciar, de forma privilegiada, através do ideal de magreza, que vêm assumindo, nos últimos tempos, uma significação amplificada que não tem passado despercebida aos olhos de ninguém.

No Brasil, 53% da população feminina faz regime. Nos últimos 5 anos, o uso de remédios para perder peso cresceu 500%, assim o Brasil é hoje o 3º maior consumidor de medicação para emagrecer no mundo. Pode-se dizer que a Magreza é atualmente objeto de um verdadeiro culto. Os estudos sobre a evolução dos costumes mostram que esse ideal de magreza da sociedade ocidental, que atinge maçosamente as mulheres, se acentuou e se ampliou nessas últimas décadas e domina em todas as classes sociais<sup>4</sup>.

Sendo assim, o meu objetivo hoje aqui é traçar um caminho metodológico que me permita fundamentar as reflexões que gostaria de avançar a respeito das especificidades do mal-estar feminino na atualidade.

Desde a década de 50 as transformações no modo de vida das mulheres vêm se processando de maneira cada vez mais acelerada. A radicalidade dessas mudanças parece solicitar um espaço de discussão que certamente transcende, e muito, o âmbito da clínica psicanalítica. No entanto, o que pretendo trazer para a nossa discussão são alguns questionamentos que foram se construindo ao longo dos anos a partir da escuta clínica das queixas femininas.

Não se pode deixar de constatar que, em geral, os consultórios dos analistas parecem ser habitados por uma maioria feminina, assim como não se pode deixar de observar que o cotidiano das mulheres de hoje em dia é sensivelmente diferente do de suas avós. Desse modo, o meu objetivo nesta apresentação é propor um questionamento sobre as vicissitudes do universo feminino tal qual ele se reflete no espelho da clínica e tal qual ele é experimentado na vida cotidiana de muitas mulheres na nossa realidade brasileira.

2. Dados retirados da reportagem “Mania de ser saudável”, do caderno FolhaEquilíbrio, *Folha de São Paulo*, 20 de janeiro de 2005.

3. Cf. ARENDT, H. A condição humana. Rio/São Paulo: Forense Universitária, 2000.

4. VINDREAU, C. « La boulimie dans la clinique psychiatrique ». In BRUSSET, B, COUVREUR, C. & FINE, A. (orgs.) *La boulimie. Monographies de la revue française de psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1991, p. 67.

Como testemunha a invenção da psicanálise a partir da escuta das histéricas, sabemos que cabe às mulheres um papel não negligenciável como porta-vozes das mazelas da dimensão subjetiva de seu tempo. Sabemos também que as mulheres, ao longo dos séculos, recorreram aos seus corpos para expressar as vicissitudes de sua subjetividade e as mazelas do ser mulher que cada época lhes propõe. Desde as santas e beatas da Idade Média, a recusa alimentar e o brutal emagrecimento do corpo aparecem não apenas como uma forma de comunicação, mas também de resistência e reação frente às estruturas patriarcais do mundo medieval.

Freud, por sua vez, localizou inicialmente o mal-estar do seu tempo na repressão da vida sexual devido à moral civilizada daquela época. De saída, ele compreende que a neurose atingia mais as mulheres do que os homens justamente porque elas eram o alvo privilegiado dessa moral repressora.

Ora, recorrer à repressão dos desejos sexuais já não é mais necessário para as mulheres da mesma forma que o foi antes da revolução sexual, do feminismo e mesmo da invenção da psicanálise. Talvez, por isso, a forma clássica da histeria, tal qual era descrita no século 19, apareça numa frequência menor, sem, no entanto, ter deixado de existir. De fato, assim como a expressão do mal-estar varia de um momento histórico a outro, ela também varia nas diversas micro-culturas de uma mesma época<sup>5</sup>. No entanto, não podemos deixar de constatar que os ataques, desmaios e chilikos, que antes despertavam no público uma curiosidade respeitosa, parecem atualmente evocar um olhar de desprezo e reprovação, encontrando eco no uso pejorativo do adjetivo “histérico”. Destituída de um certo *glamour*, a crise histérica perdeu sua potencialidade engendradora do interesse público, ou seja, engendradora do enigma, daquilo capaz de capturar o olhar do outro.

Se o corpo das histéricas deu voz à problemática feminina do século 19, o corpo em negativo da anoréxica parece ocupar, em nossos dias, esse lugar, exercendo interesse e fascínio. Portanto, não é nada surpreendente constatarmos hoje o aumento dos sintomas anoréxicos de tipo histérico. Sabe-se bem que a histeria busca habilmente situar-se no lugar

do objeto de algum saber constituído e atual para ser reconhecida. Sendo assim, parece ser o corpo emagrecido e amenorréico da anoréxica que, mais pela falta do que pelo excesso, evoca o mal-estar feminino na contemporaneidade.

A literatura psicanalítica envolvendo as questões relativas à mulher, ao feminino, à sexualidade feminina e à feminilidade é vastíssima, com um significativo aumento nos últimos anos que antecederam o final do século 20. Trata-se de uma literatura plural, na qual encontramos, além da produção masculina, uma vasta gama de autoras, mulheres psicanalistas que, na escuta de si mesmas e de suas analisandas, produzem questionamentos teóricos significativos para o manejo clínico das queixas femininas.

A fecundidade dessa produção atesta o compromisso dos psicanalistas com a premissa de que, se a psicanálise também nasceu para dar voz ao emergente, como diz Maria Rita Kehl (1998), “para a escuta do emergente, do que ainda não foi dito e procura uma formulação” (p.329)<sup>6</sup>, torna-se sempre fundamental apurarmos os ouvidos para escutar nossos analisandos, homens e mulheres, sem a surdez da pretensão de encaixá-los, apressadamente, nas formulações teóricas conhecidas.

Tal compromisso requer uma *escuta flutuante*, que não busque confirmar reiteradamente as teorias as quais aderimos, mais ou menos apaixonadamente, mas apenas escutar o que emerge de novo na disparidade das formas e dos movimentos do sujeito, imerso simultaneamente no seu universo simbólico e pulsional. A meu ver, a clínica da anorexia e da bulimia ilustra de forma exemplar as formas de expressão do sofrimento atual que têm, na diversidade e plasticidade da experiência da mulher com seu corpo, uma imagem privilegiada dos seus contornos contemporâneos.

Sendo assim, pretendo tomar como ponto de partida da minha argumentação a abrangente adesão ao ideal de magreza na cultura contemporânea e a prevalência das instâncias ideais como reguladoras da economia psíquica, para propor uma reflexão sobre as especificidades do mal-estar feminino na contemporaneidade.

5. Cf. o artigo “O que não pertence a ninguém... e as apresentações da histeria”, de Silvia Alonso (2000).

6. KEHL, M.R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

A hipervalorização da magreza na atualidade tem acentuado a relação entre a auto-estima e a imagem do corpo magro, particularmente para as mulheres. Há 20 anos, as modelos pesavam 8% a menos que a média das mulheres; atualmente essa diferença subiu para 20%. Embora a aparência física seja um elemento fundamental na imagem da mulher em diversas épocas e culturas, a magreza nem sempre foi o ideal almejado. Muito pelo contrário.

A história da arte testemunha que a Renascença valorizava mulheres de corpo farto, quadris grandes e abdomens avantajados. Embora se saiba que a exigência de magreza nas mulheres tenha começado por volta dos anos 20, em sintonia com o início do movimento de liberação da mulher, nas décadas de 40 e 50 as estrelas de Hollywood, como Rita Hayworth, por exemplo, encarnavam o modelo das mulheres de seios fartos e corpos curvilíneos, valorizadas por sua sensualidade. Essa exigência de magreza parece se intensificar a partir dos anos 60 e se acentua consideravelmente nos anos 70. A imagem do corpo ideal começa a centrar-se na imagem de um corpo magro e de formas menos arredondadas.

No entanto, ainda que os padrões estéticos tenham se modificado consideravelmente com o tempo, a luta para atingir o ideal de beleza vigente é algo que marca a relação da mulher com seu corpo em todas as épocas e culturas. Michel de Montaigne em seus ensaios, escritos em 1580, chama a atenção para o fato de as mulheres desprezarem a dor em função da vaidade. É assim que, ao longo dos tempos, as mulheres escravizam seus corpos em nome do ideal de beleza ao qual aspiram em cada época<sup>7</sup>.

Houve o tempo em que esfolavam a pele para adquirir a tez mais fresca, ou buscavam propositalmente estragar o estômago para conseguir a palidez valorizada na ocasião ou, ainda, apertavam o ventre em duros espartilhos para exibir um corpo delgado. Qualquer semelhança com a submissão das mulheres atuais aos tratamentos estéticos e cirúrgicos, muitas vezes bastante dolorosos, ou a especial dedicação às dietas alimentares para emagrecer, muitas vezes radicais e perigosas para a saúde, não deve ser uma mera coincidência<sup>8</sup>.

Essa preocupação com a magreza, mas sobretudo com a aparência corporal, revela-se hoje uma espécie de tirania; imperfeições e defeitos, às vezes mínimos, são experimentados como catástrofes, mostrando que o que se encontra ameaçado é o sentimento de identidade e de integridade corporal.

As jovens anoréxicas e bulímicas nos ensinam que mais do que a um superego herdeiro do complexo de Édipo, esses casos nos confrontam com um ego ideal verdadeiramente tirânico, que concentra suas exigências na experiência do corpo. Isso me permite supor que o ego ideal, herdeiro do narcisismo primário, encarna-se hoje no corpo para assegurar, por meio da magreza, um mínimo de auto-suficiência e auto-estima, deixando entrever, assim, que, hoje em dia *esse ego ideal é, antes de tudo, corporal*.

Nesse contexto, se fica evidente que a adesão aos ideais vigentes é algo que marca a existência do sujeito contemporâneo, não se pode negar que as mulheres parecem experimentar aí algo particularmente difícil. Assim, a escuta clínica das queixas femininas nos convida a refletir sobre as vicissitudes do universo no qual transitam as mulheres com o objetivo de tentar especificar o que caracteriza o mal-estar feminino na atualidade.

A mudança dos tempos traz sempre consigo a transformação dos ideais, com o abandono de interesses antigos e a descoberta de novos interesses e necessidades. No entanto, para as mulheres (e está aí a minha hipótese) a mudança dos tempos trouxe também uma *ampliação* dos ideais. Ou seja, no que diz respeito à sua inserção na cultura, as mulheres confrontam-se hoje não apenas com as transformações dos ideais, mas com um verdadeiro acúmulo deles.

Presas à necessidade de corresponderem ainda aos ideais do espaço doméstico, reinado de suas mães e avós, as mulheres se vêem hoje tendo de corresponder também àqueles próprios do espaço público, antes reinado exclusivo dos homens. Às voltas com a necessidade de percorrer o difícil caminho que qualquer mudança de posição subjetiva exige, as mulheres parecem ter hoje diante de si um espectro amplo de ideais a buscar alcançar.

7. Cf. Essais, Livre 1 de M. de Montaigne (1969).

8. Cf. meu texto "A mulher-elástico" (2006).

Esticadas entre uma identificação passiva e materna e outra ativa e fálica, as mulheres vão tentando lidar com o excesso que caracteriza as demandas do seu cotidiano. Resulta daí um verdadeiro acúmulo que exige uma *elasticidade* nunca antes sequer possível de ser imaginada. Se a necessidade de perseguir ideais constrói a trajetória cultural do ser humano ao longo do tempo, a trajetória das mulheres nos permite constatar que, ao ideal de santidade e beleza, veio juntar-se também o ideal de sucesso, tão caro a nossa cultura contemporânea.

Assim, a meu ver, a melhor representação do ideal da mulher contemporânea é a figura da *mulher-elástico*, tão magistralmente ilustrada no filme infantil *Os incríveis*. Para tentar corresponder ao seu amplo espectro de ideais, a mulher atual precisa ter um funcionamento verdadeiramente *elástico*. Deve desempenhar-se, com sucesso, numa gama tão variada de funções que só mesmo uma *elasticidade originária* poderia lhe garantir, ao menos, algum êxito numa empreitada tão incrível, própria dos super-heróis!

Não posso deixar de pensar aqui que se a particularidade da relação da menina com a castração, tal como destacou Freud, assegura a esta uma dificuldade de acesso à sublimação e à construção do superego, é essa mesma particularidade que parece lhe garantir a *elasticidade* de sua organização libidinal e, conseqüentemente, a diversidade de suas possibilidades identitárias.

Se, por um lado, a experiência da mulher com seu corpo encontra na irredutibilidade da sexualidade perverso-polimorfa uma diversidade de possibilidades de gozo sexual, por outro, a diversidade identitária garante às mulheres uma *elasticidade* considerável de seus interesses, não apenas sexuais. Fala-se com freqüência nessa capacidade que têm as mulheres de fazerem muitas coisas ao mesmo tempo e de conservarem, simultaneamente, investimentos genuínos em interesses diversos. No entanto, para além dessa *elasticidade originária*, não existiria também nessa amplitude de exigências que caracteriza o cotidiano feminino, uma dimensão essencialmente conflitiva? Está aí uma primeira pergunta para a nossa discussão.

Em busca de corresponder a essa amplitude dos ideais próprios de sua época, a *mulher-elástico* precisa *ser* não só a mulher ideal, mas precisa

também *ter* o corpo ideal. Além de mãe dedicada, compreensiva e bem-humorada, a *mulher-elástico* deve conservar-se sempre jovem. Amante ardente e bem disposta, apresenta uma tal diversidade de interesses que consegue perseguir, com igual obstinação, os exercícios físicos necessários à manutenção do corpo ideal, assim como seus interesses culturais nos destinos da humanidade.

Mantendo um pé na academia de ginástica e o outro na última mostra de cinema do momento, a *mulher-elástico* é medianamente culta. Bem-informada, fala de qualquer assunto, mesmo que deixando entrever uma certa mediocridade em muitos deles. Realizada e bem-sucedida profissionalmente, a *mulher-elástico*, além de magra, bonita e bem-cuidada, é também economicamente independente. Assiste a um filme de Godard com o mesmo entusiasmo que entra em uma churrascaria, embora se veja privada de boa parte do *menu* disponível. Serena e controlada, a *mulher-elástico* come carne, mas só se for acompanhada de salada!

O ideal de magreza domina a cena contemporânea, tendo se constituído não somente como sinal do corpo ideal, mas também como sinal de sucesso. Constituindo-se até como sinal de perfeição moral, o corpo magro é a senha do sucesso, passaporte para se conseguir beleza, poder e dinheiro. Assim, o ideal do corpo magro e de formas bem-esculpidas exige da *mulher-elástico* disciplina e firmeza, só desse modo poderá permanecer no ringue da luta em busca da beleza fetichizada pelo seu tempo.

Engajada na busca da beleza magra, do corpo fino e rígido, lança-se a *mulher-elástico* na corrida insana para não perder o bonde do seu tempo. Escrava da amplitude e diversidade dos ideais, dos quais precisa ao menos conseguir se aproximar, a *mulher-elástico*, vitimada pelo excesso e pelo cansaço diante de suas incríveis atribuições, vive culpada frente à constatação da impossibilidade de ser tudo isso que se exige dela.

Endividada consigo própria e com os outros que a cercam, a *mulher-elástico* é, ao mesmo tempo, por definição, culpada e impotente. Experimentando sempre uma dolorosa sensação de que algo lhe escapou, de que algo transborda sempre do seu cotidiano impossível, a *mulher-elástico* constata, desamparada, que seu corpo dói!

Sendo assim, e para concluir, eu devo dizer que: Cabe aqui uma segunda pergunta: para *que*

tudo isso? Às vezes é no ponto limite da dor que se pode encontrar, ou reencontrar, o próprio limite a essa espécie de tirania velada que nos leva, freqüentemente, a nos posicionarmos como *objeto* no desejo do outro. Ora, se a psicanálise não nos oferece respostas, ela certamente nos ensina a formular perguntas. Poder reinventar, a cada dia, os caminhos do próprio desejo, e seguir construindo um discurso próprio supõe uma mudança de pergunta: para *quem* tudo isso? Essa mudança de pergunta supõe a existência de um *sujeito* a quem se destinam os esforços realizados e, certamente também, os prazeres das vitórias conquistadas. Isso exige que a mulher se pergunte, a cada vez, se é *ela mesma* o destinatário desses esforços, se é *ela mesma o sujeito* dessa pergunta.

Todas nós, mulheres, experimentamos *na carne* as diversas formas de manifestação da angústia que essa exigência de elasticidade acaba por despertar no cotidiano. Se abandonar o terreno das certezas não é nem mesmo uma escolha para a mulher contemporânea, visto que há muito as certezas já se foram, nos resta entretanto a possibilidade de reconhecer a dimensão essencialmente conflitiva colocada em cena pelas nossas próprias conquistas em direção à autonomia.

Obviamente, não se trata de culpabilizar as conquistas e os avanços obtidos através delas, nem muito menos de defender um retrocesso a posições anteriores. Sem ilusões, devemos admitir que o que tínhamos antes certamente não era melhor do que o que temos hoje. Devemos, ao contrário, usufruir prazerosamente de tudo que foi conquistado. Trata-se, então, de nos colocarmos no interior mesmo do conflito para poder problematizá-lo, para circunscrevê-lo através da *circulação de perguntas* e não da enunciação de ingênuas certezas.

E, assim, eu diria apenas para finalizar, que em nosso caro mundo contemporâneo seguiremos adiante, todas nós, *mulheres-elástico*, cansadas, doloridas, culpadas e cheias de incertezas, porém, sem jamais perder um certo brilho que insiste em sobreviver, que insiste em *clarear* as perguntas. Uma espécie de testemunho de rebeldia, que nos constitui e nos habita. Herdeiras da Fênix, somos consumidas pelo fogo com mais freqüência do que seria desejável, no entanto... renascemos das cinzas! talvez somente por teimosia ou, simplesmente, por insistir em sustentar a esperança de viver meramente, como diz Caetano Veloso, sabendo “a dor e a delícia de ser o que é”.

## Bibliografía

- ALONSO, Silvia (2000). “O que não pertence a ninguém... e as apresentações da histeria”.
- ARENDT, H. (2000) *A condição humana*. Rio/São Paulo: Forense Universitária.
- FINE, A. (orgs.) *La boulimie. Monographies de la revue française de psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1991, p. 67.
- GASPARD, J-L. & DOUCET, C. (orgs.) (2009). *Pratiques et usages du corps dans notre modernité*. Le corps fétiche: La clinique miroir de la culture. Toulouse: Érès.
- KEHL, M.R.(1998). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- VINDREAU, C. « La boulimie dans la clinique psychiatrique ». In BRUSSET, B, COUVREUR, C. &
- VOLICH, R.M., FERRAZ, F.C., RANÑA, W. (org.) (2008). *Psicossoma IV: corpo, história e pensamento*. “As mulheres, o corpo e os ideais”. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- “A mulher-elástico”. *Viver - mente & cérebro*, 161:28-33, 2006. (artigo republicado na Edição Especial *As faces do feminino: dimensões psíquicas da mulher. Mente & cérebro*, 18:78-82, 2009).
- Cf. *Essais, Livre 1* de M. de Montaigne (1969).
- Cf. meu texto “A mulher-elástico” (2006).